

MÁ NOTÍCIA PARA OS PESSIMISTAS

Raul Sturari (*)

Há tempos acompanho a produção de Peter Diamandis¹ e seu esforço em fazer entender que estamos vivendo um era de progressiva abundância. Yuval Harari² vai na mesma linha, mostrando que a humanidade há tempos superou a peste, a fome e as guerras, e pode estar caminhando para o pleno desenvolvimento. A eles devo juntar Ray Kurzweil³, comprovando que os avanços tecnológicos irão revolucionar o modo como vivemos nas próximas duas ou três décadas.

Recente artigo publicado no site da Singularity University⁴, de autoria de Homi Kharas e Wolfgang Fengler (1º de março de 2020), vem corroborar essas assertivas, para tristeza daqueles que só vêem o mundo pelos olhos da tragédia. Na verdade, não os culpo. Acontece que as mudanças positivas são tipicamente graduais e só são percebidas após longos períodos de tempo, enquanto que as crises são frequentemente rápidas e espetaculares. Some-se a isso que a grande imprensa, ávida por impactar o público, termina por amplificar o ruim no intuito de vender notícias e, pronto, teremos cada vez mais pessoas pensando que estamos próximos de uma nova hecatombe. Ainda mais em tempos de coronavírus.

Um parêntese rápido para o coronavírus: a situação é muito grave. Em 19 de março de 2020, as estatísticas indicam que há 159 países com mais de 222 mil pessoas contaminadas. Já morreram mais de 9 mil pessoas em todo o mundo, a maioria na China e na Itália, com mais de três mil mortes cada um. Mas a China já está sob controle, ao passo que os italianos ainda estão em evolução. É muito provável que venhamos a ter outras milhares de mortes — a maioria entre os idosos — mesmo com as medidas que estão sendo rigorosamente adotadas em quase todos os países. A economia global está sendo bastante impactada e, de maneira geral, o mundo está sendo profundamente abalado por essa pandemia. As atuais gerações, mesmo as dos mais idosos, nunca passaram por algo semelhante.

Contudo, um olhar sob o prisma otimista permite afirmar que os conhecimentos médicos e científicos atuais, bem como os hábitos de higiene disseminados, estão minimizando os efeitos da pandemia. No início do século passado, a gripe espanhola, contaminou mais de 500 milhões de pessoas e deixou um saldo entre 50 e 100 milhões de mortos, ou 5% da população, à época. Em termos comparativos, seria como ter, hoje, algo em torno de 380 milhões de pessoas mortas. Mas nem de longe se espera uma tragédia nessas proporções, permitindo concordar com Yuval Harari, quando diz que a humanidade venceu a peste.

Todavia, em meio a essa atmosfera de melancolia profunda sobre as perspectivas da humanidade, Kharas e Fengler chamam a atenção para duas

¹ <https://www.diamandis.com/>

² <https://www.ynharari.com/pt-br/>

³ <https://www.kurzweilai.net/>

⁴ <https://singularityhub.com/>

tendências de longo prazo que ilustram o progresso significativo que muitas nações vêm paulatinamente construindo.

Primeiro, a demografia. Estamos vivendo mais. A pirâmide populacional clássica (com muitos jovens e poucos idosos), está dando lugar, na maioria do planeta, a um formato retangular, com coortes etárias de tamanho aproximadamente igual estendendo-se para 80 anos de expectativa de vida. *Pela primeira vez, existem tantas pessoas com mais de 30 anos quanto com menos de 30 anos, um ponto de inflexão que tem implicações profundas na economia global.*

Mas não é só isso. A humanidade não somente está vivendo mais, mas também melhor, pelo menos em termos econômicos. Nesse ponto, os parâmetros usados pelos autores são bastante interessantes e diferem daqueles que estamos acostumados. Para eles, *pessoas pobres e vulneráveis são aquelas que vivem em domicílios com um poder de compra diário inferior a US\$ 11 por pessoa por dia*, considerando-se a paridade do poder de compra das diversas moedas e tendo como referência o ano de 2011. Isso inclui as pessoas extremamente pobres, que vivem com menos de US\$ 1,90 por dia, e os grupos vulneráveis, com renda per capita entre US\$ 1,90 e US\$ 11. No outro lado estão as famílias de classe média e ricas, que dominam os gastos globais do consumidor e são definidas como aquelas que gastam mais de US\$ 11 por pessoa por dia. Em termos atuais, significa algo em torno de R\$ 1.500,00 mensais por pessoa da família, por mês.

O que de interessante as estatísticas indicam é que 2019 foi um ano de *dupla inflexão global, nas dimensões idade e riqueza*. Vale dizer que pessoas com mais de 30 anos representam metade da população e estão crescendo; e pessoas de classe média ou ricas já representam metade da humanidade — e também estão crescendo.

PESSOAS NO PLANETA EM 2019
SEGUNDO A IDADE E A CONDIÇÃO ECONÔMICA

				Soma
30 anos ou mais	1,6 bilhões	2,2 bilhões		3,8
Até 30 anos (jovens)	2,2 bilhões	1,6 bilhões		3,8
Soma	3,8	3,8		7,6 bilhões
	Pobres e vulneráveis	Classe média e ricos		↑ Total geral

Fonte: Kharas e Fengler, com projeções do World Data Lab.

Importante — e óbvio — destacar que *ainda há muitas disparidades*. Um recorte por continentes aponta que há nações africanas aprisionadas na categoria “jovens e pobres/vulneráveis”, por exemplo, enquanto os países nórdicos são predominantemente “ricos e acima de 30 anos”.

Todavia, a boa notícia (para os otimistas, claro) é que, se as projeções se confirmarem, em 2030 haverá bem mais pessoas idosas e com maior poder

aquisitivo. Mesmo considerando-se que deverá haver um acréscimo global de aproximadamente 700 milhões de pessoas, o número de jovens deverá diminuir cerca de 100 milhões, em relação aos números atuais, enquanto os de 30 anos ou mais serão ampliados em 800 milhões, ou seja, serão 4,6 bilhões de pessoas.

No que se refere às condições econômicas, espera-se que haja um incremento ainda maior de pessoas da classe média e ricos, passando dos atuais 3,8 bilhões para 5,6 bilhões, ou seja, mais 1,8 bilhão que viverão em melhores condições. E, no outro lado, teremos um decréscimo de 1,1 bilhão, passando dos atuais 3,8 bilhões para 2,7 bilhões. Os quadros a seguir ilustram essa expectativa.

30 anos ou mais	4,6 bilhões
Até 30 anos (jovens)	3,7 bilhões
Soma	8,3 bilhões

Fonte: Kharas e Fengler, com projeções do World Data Lab.

Classe média e ricos	5,6 bilhões
Pobres e vulneráveis	2,7 bilhões
Soma	8,3 bilhões

Fonte: Kharas e Fengler, com projeções do World Data Lab.

É claro que esses números representam um *cenário otimista*, impensável no começo do século passado e mesmo depois da Segunda Guerra Mundial. Mas trata-se de um panorama não só perfeitamente possível como também bastante provável. Finalmente, embora muitos fatores estejam contribuindo para delinear esse quadro, é válido destacar os *avanços científicos e tecnológicos como os maiores responsáveis por esse espetacular período de progresso da humanidade*, na medida em que distribuem dados, informações e conhecimentos, ao tempo em que proporcionam o acesso a bens e serviços, melhorando a qualidade de vida, inclusive de comunidades menos assistidas.

Bom futuro a todos.

Brasília, DF, 20 de março de 2020.

(*) *Prospectivista diletante.*

* * *